

# MAQUETISTAS POPULARES MAURO dos ANJOS E JORGE COSTA

sala  
do artista popular

INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE  
Rua do Catete, 179  
Em frente à Estação Catete/Metrô  
Rio de Janeiro - RJ

MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação Nacional de Arte

Presidente: *Ziraldo Alves Pinto*

Diretora-Executiva: *Maria Luiza Librandi*

Instituto Nacional do Folclore

Diretora: *Amália Lucy Geisel*

Comissão Responsável pela Sala do Artista Popular:

*Dinah Guimaraens* — Coordenação

*Ana M. Heye*

*Elizabeth Travassos*

*Maria Helena Torres*

*Marina de Mello e Souza*

*Ricardo Gomes Lima*

Fotos:

*Ricardo Funari*

Programação visual e arte-final:

*Marcio Cyranka do Rêgo Monteiro*

Exposição: 19 de novembro a 6 de dezembro de 1985

## MAQUETISTAS POPULARES: MAURO DOS ANJOS E JORGE COSTA

A Sala do Artista Popular (SAP) tem o prazer de apresentar dois maquetistas que expressam em seus trabalhos formas diferenciadas de habitação.

Suas miniaturas tanto reproduzem as moradias das camadas populares quanto indicam visões do imaginário popular sobre as construções ocupadas pelas camadas abastadas da população.

As maquetes apresentam tipologia diversificada, representada pelas formas regionais de economia e pela tradição cultural inerente aos vários métodos construtivos nelas reproduzidos.

Os artesãos empregam o barro na confecção de suas peças, achatando a bola de barro sobre uma mesa de trabalho, modelando-a depois sob a forma requerida. A etapa posterior consiste na queima em forno apropriado.

Constituindo a mais antiga de todas as indústrias, a cerâmica parece ter surgido no momento em que o homem começou a utilizar o barro endurecido pelo fogo. Desse processo de endurecimento, surgido casualmente, a técnica se multiplicou, passando a estar presente quer no abrigo humano (paredes e tetos de casas), quer nos seus utensílios. Através dela, passou ele então a se exprimir em esculturas religiosas e na manufatura de reproduções de partes do corpo humano, usadas como ex-votos.

A tradição ceramista no Brasil remonta às tribos indígenas que aqui viveram antes da chegada dos colonizadores portugueses. A colaboração lusitana consistiu na instalação das primeiras olarias nos colégios, engenhos e fazendas jesuítas, nelas concentrando a mão-de-obra e estruturando a produção.

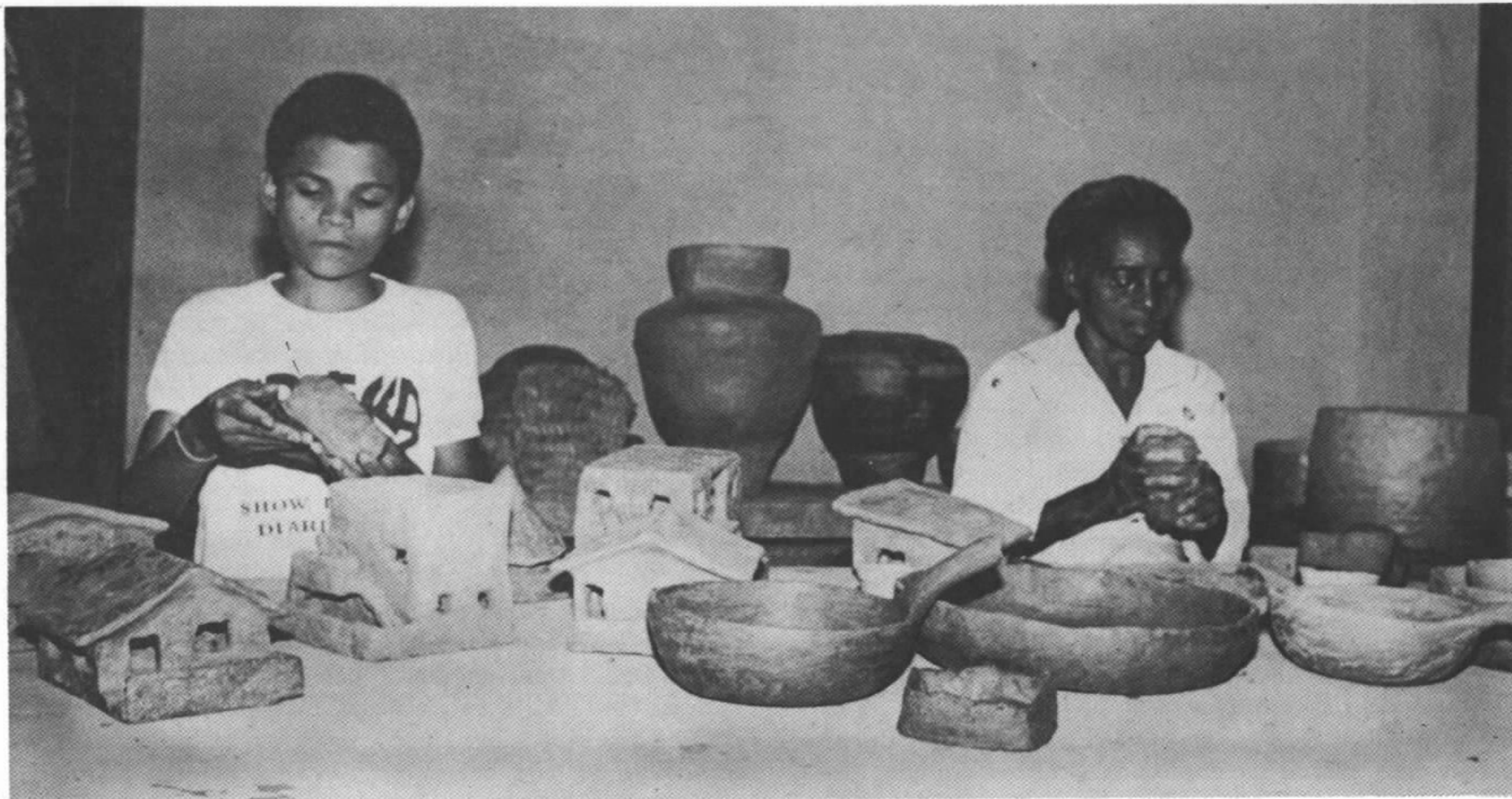
Na faixa litorânea do país, principalmente, foi introduzido o uso do *torno*, que consiste em um aparelho de madeira com forma circular. Seu uso permite maior simetria na forma, acabamento mais perfeito e menor tempo de trabalho. Nas regiões interioranas permaneceram em maior quantidade as práticas manuais indígenas, com a modelagem do barro sendo feita diretamente pela mão do artesão.

O primeiro artista, **Mauro dos Anjos**, nascido em 1971, utiliza a modelagem manual do barro para realizar suas maquetes de habitações. As casas são inspiradas em moradias vistas por ele, enquanto outras são "inventadas em sua cabeça". Uma de suas peças é uma casa com forma circular, que ele "viu em revistas e na televisão". Os telhados são também feitos a partir de observação da realidade, reproduzindo lajes planas e coberturas com caimento de uma e duas águas. Residindo no morro do Chapéu Mangueira, no bairro do Leme, várias de suas maquetes reproduzem

a arquitetura típica da favela em casas de alvenaria com laje plana como cobertura.

A trajetória de vida de Mauro até o seu atual trabalho como ceramista no Galpão de Artes Visuais do morro do Chapéu Mangueira, embora curta, foi bastante atribulada. Maria Aparecida dos Anjos, sua mãe, logo após o nascimento do filho foi internada na Colônia Juliano Moreira, em

Jacarepaguá, como doente mental. Foi ele criado em creches e instituições para crianças órfãs, sendo acompanhado em sua passagem por esses locais por Marcília Ferreira Lacerda, a quem o menino trata carinhosamente de "madrinha". Aos 12 anos, após haver concluído a 5ª série em um colégio interno, Mauro foi então residir com D. Marcília no morro.



Mauro dos Anjos trabalhando no Galpão de Artes Visuais do Morro Chapéu Mangueira, no Leme.



Mauro e sua mãe de criação.

A influência de Marcília – conhecida por Marcela, no Chapéu Mangueira – sobre a produção de Mauro como ceramista parece ter sido bastante importante. Natural de Além Paraíba (Minas Gerais), fazia quando criança panelas e bonecos de barro, além de ter aprendido a barrear casas de estuque. A técnica do barreado foi mesmo empregada por ela na construção de sua casa no morro, pois quando foi ali residir era proibido construir em alvenaria nas favelas, de modo a não caracterizar a posse definitiva dos terrenos pelos moradores.

Residindo em casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, acabou vendendo esse espaço, indo morar no porão, que fechou com alvenaria para abrigá-la, junto com Mauro. D. Marcília ficou viúva por duas vezes, tem três filhos seus e ajuda a criar mais oito crianças. Seu apoio aos filhos consiste em ampará-los até determinada idade,



Moldando o barro para fazer suas maquetes.

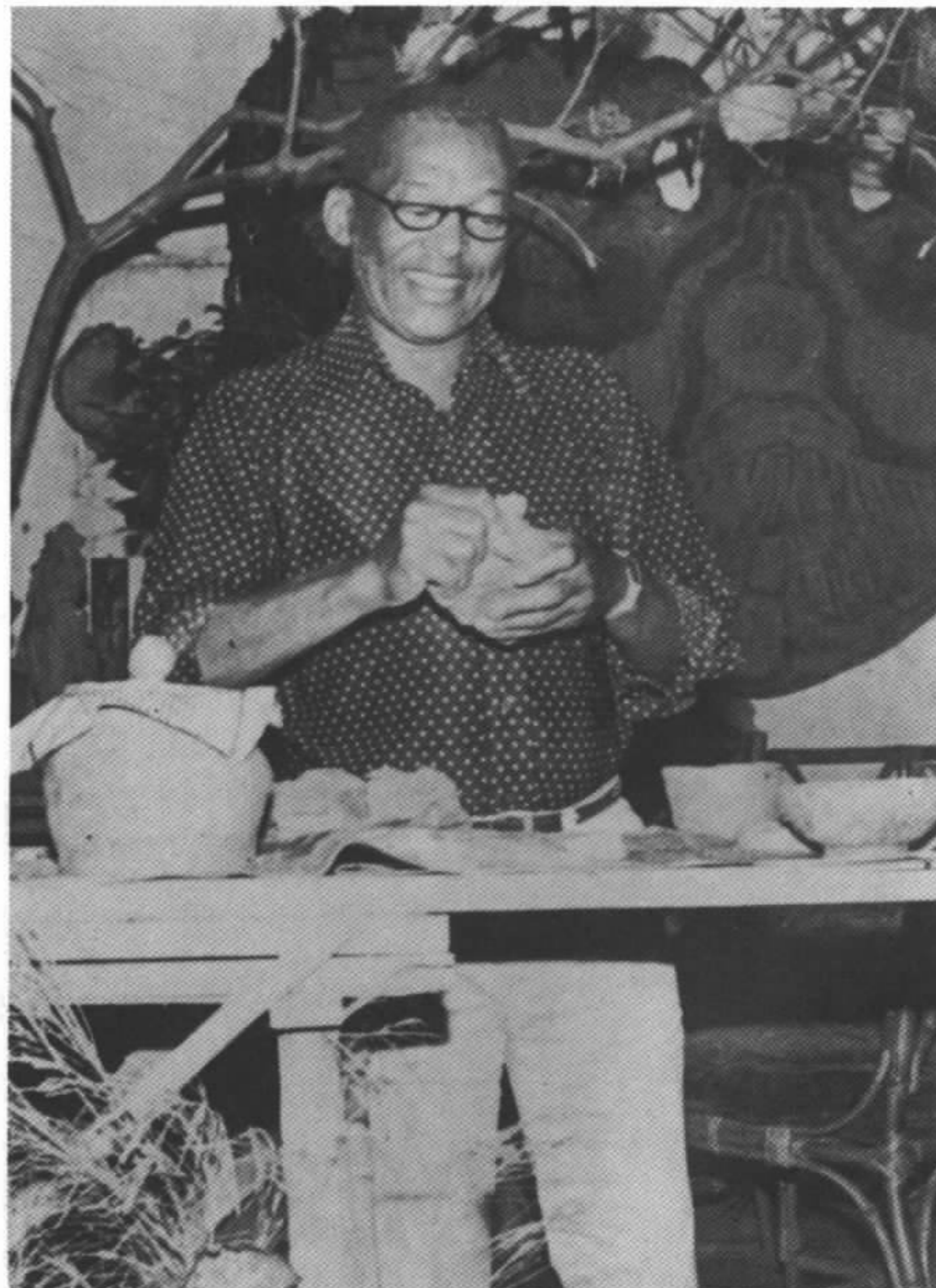
fazendo tudo para educá-los; então, "cada um vai procurar seu rumo, porque eu me fiz sozinha e assim quero que todos se encaminhem direitinho".

Após ir morar com D. Marcília, há cerca de um ano, Mauro começou a fazer maquetes de barro, retirando seu material de trabalho do próprio morro. O processo de feitura das maquetes consiste em moldar o barro na forma compacta de uma casa, sendo depois as janelas e portas cortadas com uma faca. As fachadas, com varandas externas e escadas levando ao segundo pavimento, são elementos por ele valorizados, ao lado dos espaços internos também pensados pelo artesão ao realizar suas peças.

Ao lado do aspecto decorativo das maquetes, Mauro procura fazer com que elas tenham um aspecto utilitário, prevendo um espaço para a colocação de plantas no telhado de algumas delas.

Esse interesse em aliar o dado decorativo à utilização das peças de cerâmica encontra-se presente igualmente na obra de **Jorge Costa**, artista nascido em 1933, em Porto Novo do Cunha, município de Além Paraíba, MG. Residindo atualmente no km 97 da estrada Rio-Petrópolis, tem ali seu atelier e uma loja, em espaço cedido pela Prefeitura de Caxias há cerca de cinco anos.

Antes de chegar à sua atual definição profissional como ceramista, Jorge, desde 1958, desfilou como carnavalesco, tendo recebido por três anos consecutivos o primeiro prêmio de melhor fantasia do Teatro Municipal. Em 1980, desfilou com sua última fantasia intitulada "O Pirlampo", no Hotel Glória e no Clube Sírio Libanês. Em 1986, pretende voltar a desfilhar nos bailes oficiais, com uma roupa, que está sendo confeccionada por tapeceira de Petrópolis, com o título de "A águia", em homenagem à Portela. Sua volta aos desfiles tem como objetivo "dar uma satisfação ao



Jorge Costa trabalhando em seu atelier na serra de Petrópolis.

público, rever velhos amigos que pensam até que eu morri”.

Seu interesse pela cerâmica começou durante viagem ao Chile, para desfilas com fantasia, quando tomou conhecimento do trabalho em barro ali executado. Em 1964, cerca de vinte anos após a ida ao Chile, começou a fazer peças modeladas na argila. O artista trabalha sozinho, contando

com um ajudante para “abrir a massa do barro na mesa como se fosse fazer um pastelão”. O barro por ele empregado vem de Magé já batido, pois “prefere o material da região dos lagos” e o forno para a queima das peças é de lenha. As ferramentas empregadas são improvisadas com palitos de fósforos, facas quebradas e pedaços de pau.



Jorge, seus castelos, igrejas e fachadas de barro.



As peças por ele realizadas consistem em castelos e igrejas, que saem da imaginação do artista. Ao lado de seu aspecto decorativo, elas funcionam como pés de abajur, de acordo com o interesse do comprador. A inspiração para as maquetes vem de sua origem rural, pois "na minha região a gente vê casas de pau-a-pique modestas, caindo aos pedaços, e como trabalha com barro acaba fazendo essas construções". Realizou o artesão também fachadas de casa em barro, caiadas ou reproduzindo tijolos.

De maneira diferente de Mauro, Jorge não trabalha exclusivamente com maquetes. Faz igualmente santos "barrocos", pois "não é modernista, não se sente bem fazendo, embora goste de alguns artistas modernos". Outras peças que merecem destaque são seus presépios e o que ele intitula de "artes decorativas": jarros, patos, galinhas, cisnes, leões para jardim, candelabros, porta-jóias, fruteiras, ninfas aquáticas, etc.

Diz ele que no início de sua carreira teve grande influência do "estilo oriental", realizando trabalhos como "a deusa Shiva, deusa da bonança, expondo no Cassino de Viña del Mar e obtendo grande sucesso".

Essa variedade de temas decorre do fato de Jorge se encontrar aberto a sugestões dos clientes, que chegam em seu atelier e pedem para que ele execute determinados objetos. Seu único pesar reside em ter que vender uma peça bonita, "mas minha vingança é que faço uma mais bonita logo em seguida".

*Dinah Guimaraens*

O forno para a queima do barro.

